



O DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE DA COMUNIDADE SURDA EM TELÊMACO BORBA (PR)

RESUMO: O artigo que segue apresenta aspectos sobre a formação de uma comunidade surda na cidade de Telêmaco Borba/Paraná, a partir da década de 1990. Discorre sobre o convívio entre as pessoas sinalizantes que compartilham, através da Língua Brasileira de Sinais, suas dificuldades e superações tornando a comunidade surda um ambiente de lutas e conquistas. O texto destaca a construção e o fortalecimento da identidade da comunidade surda no meio social em que os indivíduos com surdez do município estão inseridos. Em termos metodológicos optou-se pela coleta e análise de depoimentos de dois entrevistados, líderes da comunidade surda naquela cidade.

ABSTRACT: The article that follows presents aspects about the formation of a deaf community in the city of Telêmaco Borba/Paraná, from the 1990s. It talks about the conviviality among the signaling people who share, through the Brazilian Sign Language, their difficulties and overcoming them, making the deaf community an environment of struggles and conquests. The text highlights the construction and strengthening of the identity of the deaf community in the social environment in which individuals with deafness of the municipality are inserted. Methodologically, it was decided to collect and analyze the testimonies of two interviewees, leaders of the deaf community in that city.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade Surda. Telêmaco Borba (PR). Língua Brasileira de Sinais.

KEY-WORDS: Deaf Community. Telêmaco Borba (PR). Brazilian Sign Language.

The development of the identity of the deaf community in Telêmaco Borba (PR)

FRANCIELI LUNELLI SANTOS

Doutora em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no Paraná; Mestre em Ciências Sociais Aplicadas também pela UEPG. Licenciada em História (UEPG) e Sociologia (UNINTER). Professora formadora do Curso de Licenciatura em História (UEPG), modalidade a distância. Professora do Colégio e Faculdade Sant'Ana (CFSA), em Ponta Grossa (PR). francieli.lunelli@gmail.com

MARCELO RODRIGUES

Especialista em História, Arte e Cultura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no Paraná. Licenciado em História (2017) pela UEPG e graduando em Letras/Libras - Bacharelado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Professor da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR). Tradutor e Intérprete de Libras. marcelo_tb2011@hotmail.com

Recebido em 07/01/2019. Aprovado em 31/01/2019.



1. INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) obteve seu reconhecimento legal por meio da Lei Federal nº 10.436/2002, porém antes da oficialização da mesma, e sob os reflexos dos movimentos surdos pelo país, em 1994, a Língua de Sinais passou a fazer parte da educação dos surdos da cidade de Telêmaco Borba, Paraná, tornando-se fundamental para esses indivíduos. Tal acontecimento promoveu a socialização entre os surdos e ouvintes usuários¹ da Libras através de pastorais e eventos organizados por esses sujeitos.

A intensificação desses eventos impulsionou Érico Aparecido Ferreira e Marily Aparecida Ferreira a lutarem pela representatividade dos surdos telemacoborbenses, que seria possível, somente a partir da formação de uma comunidade surda na cidade, tendo como pressuposto o fortalecimento do povo surdo em torno da Língua Brasileira de Sinais.

O desenvolvimento desse processo foi o tema deste artigo. O intuito foi identificar os motivos que levaram os surdos a formarem uma comunidade surda na cidade de Telêmaco Borba, em 1995. Além disso, analisar como a experiência dessa comunidade permite afirmar a existência de uma cultura surda na cidade. Perlin estabelece uma diferença entre povo surdo e comunidade surda:

Povo surdo é tido como o grupo de surdos constituído com língua, lugar e cultura específica. Comunidade surda trata de um aspecto mais híbrido [...]. Tanto podem ser os surdos, os ouvintes filhos de pais surdos, os intérpretes e os que simpatizam com os surdos (PERLIN, 2003, p. 17).

A comunidade surda favorece as trocas de experiências visuais e linguísticas entre os indivíduos sinalizantes², de acordo com a pesquisadora surda Karin Strobel, a comunidade surda é composta por sujeitos singulares que compartilham sonhos, memórias e relatos, vivenciando plenamente a cultura. Com relação à cultura surda, Strobel explica:

¹ O termo usuários, aplicado em estudos sobre a Língua Brasileira de Sinais, refere-se aos integrantes (surdos e ouvintes) da comunidade surda, e todos usam a Libras na comunicação diária.

² O termo “sinalizante” faz referência aos indivíduos que se comunicam por Língua de Sinais.



Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas [...] abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo (2008, p. 22).

As investigações para elaborar tal pesquisa foram realizadas a partir de relatos de Marily e Érico, precursores da comunidade surda em Telêmaco Borba, levando em consideração que, para reconstruir os acontecimentos foi necessário que os entrevistados passassem por um processo de rememoração, que de acordo com Michael Pollak (1989), os levou a uma construção dialética entre a lembrança e o esquecimento.

A entrevista é uma ferramenta metodológica e tem por finalidade complementar uma pesquisa possibilitando perspectivas à produção do conhecimento, com isso, faz-se necessário estabelecer um rigor teórico e um tratamento metodológico. Assim, utilizou-se do cruzamento das informações citadas pelos depoentes e da pesquisa documental para narrar o processo de desenvolvimento da comunidade surda na cidade de Telêmaco Borba.

2. IMPLANTAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS TELEMACOBORBENSES

Até 1994, não havia uma comunidade surda definida em Telêmaco Borba, pois de acordo com Rodrigues *et al.*:

Em Telêmaco Borba, a educação de surdos começou a ser refletida a partir de 1987, com as irmãs da Escola Paroquial, porém com a metodologia oralista. Somente em 1994 começou a ser inserida a Língua de Sinais na metodologia de ensino da instituição (2017, p. 65).

Anterior à Língua de Sinais, os surdos adultos do município em sua maioria comunicavam-se por mímicas e gestos criados e reproduzidos em âmbito familiar, pois em idade escolar foram alfabetizados por modelos oralistas que priorizavam o ensino da fala.

As pesquisadoras surdas Gladis Perlin e Karin Strobel, afirmam que os modelos oralistas na educação de surdos, tinham como pressupostos implantar



“estratégias de ensino que poderiam transformar em realidade o desejo de ver os sujeitos surdos falando e ouvindo” (PERLIN; STROBEL, 2008, p. 12).

Os modelos oralistas manifestavam claramente a superioridade da língua oral sobre a Língua de Sinais, expressando a hegemonia dos ouvintes com relação aos surdos, obrigando-os a educação voltada ao universo da fala, os surdos tiveram que “abandonar sua cultura, a sua identidade surda e se submeteram a uma ‘etnocêntrica ouvintista’, tendo de imitá-los” (PERLIN; STROBEL, 2008, p. 6-7).

As pessoas com surdez apresentam um histórico de marginalização por parte dos ouvintes, mas, graças às lutas dos movimentos surdos, a Língua de Sinais tornou-se um meio de empoderamento da comunidade surda. Para Perlin e Strobel:

A proibição da língua de sinais [...] sempre esteve viva nas mentes dos povos surdos até hoje, no entanto, agora o desafio para o povo surdo é construir uma nova história cultural, com o reconhecimento e o respeito das diferenças, valorização de sua língua, a emancipação dos sujeitos surdos de todas as formas de opressão ouvintistas e seu livre desenvolvimento espontâneo de identidade cultural! (2008, p. 8).

O fortalecimento da Língua de Sinais a nível nacional refletiu na educação de surdos de Telêmaco Borba, pois com a implantação da Libras na Escola Paroquial Perpétuo Socorro, os surdos adultos retornaram aos bancos escolares para aprenderem esse meio de comunicação.

Os surdos mais velhos que receberam a educação por meio do método verbo-tonal, e haviam concluído seus estudos foram convidados pela Irmã Catarina a retornarem a Escola para aprenderem a Língua de Sinais. A instituição preparou algumas oficinas no período da noite para os ex-alunos, pois durante o dia, a maioria trabalhava em alguma área do comércio ou indústria. Muitos surdos aceitaram o convite para aprender a Libras (RODRIGUES *et al.*, 2017, p. 65).

O contato com a Libras foi fundamental para construir uma sociabilidade entre o povo surdo telemacoborbense, pois o aprendizado da Língua de Sinais, possibilitou-lhes conquistar a visibilidade perante a cultura ouvinte e formar uma comunidade surda.



Com a visibilidade da Língua de Sinais em Telêmaco Borba, Marily e Érico, dois jovens surdos, iniciaram em meados da década de 1990, uma aproximação com outros surdos do município. Ambos eram estimados, pois se tornaram exemplos de sucesso, já que foram os primeiros surdos a possuir na época uma formação profissional, enquanto a maioria das pessoas surdas nem chegava a concluir o Ensino Médio.

A proposta de Marily e Érico era estabelecer uma comunidade surda em que os sujeitos surdos dispersos pelos bairros pudessem se reunir para trocarem experiências, praticar esportes, promover discussões voltadas à educação, saúde e principalmente ao mercado de trabalho, pois grande parte dos surdos, após a conclusão do Ensino Médio, não conseguia inserção profissional devido à falta de valorização da capacidade do surdo.

Strobel argumenta que os surdos sempre estiveram à margem da sociedade, carregando consigo marcas do preconceito e invisibilidade. Segundo essa pesquisadora, a Língua de Sinais, possibilitou aos sujeitos a construção de uma representatividade a partir da comunidade surda que proporcionou uma articulação cultural, linguística e política, aos seus integrantes, fossem eles ouvintes ou surdos. Para Strobel:

[...] a comunidade surda de fato não é só de sujeitos surdos, há também sujeitos ouvintes - membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros - que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização (2008, p. 31).

Tais elementos de representatividade compõem a identidade do sujeito. De acordo com Denys Cuche (2012, p. 182), “a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais [...] não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais”. Conforme o pensamento de Cuche compreende-se que a identidade estabelece um sentimento de pertencimento, é considerada uma condição inerente ao sujeito, concebida através do vínculo, da socialização entre as pessoas.

Perlin (1998) afirma que a partir das experiências visuais, os surdos encontram a possibilidade de construir seu espaço, apoiando-se em sua historicidade, compartilhada socialmente no interior da cultura surda. As



considerações da autora vêm ao encontro com as vivências narradas por Érico e Marily, no sentido de que, as pessoas com surdez de Telêmaco Borba não eram inseridas na cultura dos ouvintes, eram segregadas, expostas às situações de exclusão.

Pessoas com deficiência [...], têm sido historicamente excluídas ou segregadas em espaços especiais em várias esferas da vida social. Em relação à cultura e ao lazer, com grande frequência são apresentadas ou expostas em situações de [...] inabilidade social (MAZZOTTA; D'ANTINO, 2011, p. 386).

Como indicam Mazzotta e D'Antino, as pessoas com deficiências não possuíam espaços no meio social, esse tratamento também era oferecido aos sujeitos surdos de Telêmaco Borba, esse contexto começou a ser modificado a partir do momento que esses indivíduos constituíram a comunidade surda, iniciando, dessa forma, a construção de sua identidade e conseguindo, assim, despertar notoriedade e visibilidade perante os ouvintes.

A participação dos ouvintes na comunidade surda de Telêmaco Borba favoreceu a eliminação das características segregativas, pois possibilitaram aos surdos à integração na sociedade, viabilizando suas conquistas.

A valorização das potencialidades dos surdos do município possibilitou que os mesmos fossem incluídos em esferas como a educação e o mercado de trabalho, além de tratamento igualitário, possuidores de direitos e deveres, como qualquer pessoa em relação aos diversos espaços sociais, no que tange à inclusão social, Mazzotta e D'Antino (2011, p. 378) a compreendem como “a participação ativa nos vários grupos de convivência social”.

De acordo com os entrevistados, a execução do projeto da comunidade surda em Telêmaco Borba, em sua fase inicial enfrentou vários obstáculos. Segundo Marily a barreira comunicacional com os ouvintes não sinalizantes foi o maior empecilho. A árdua implantação do projeto levou os surdos a experimentarem a frustração por serem “diferentes” e incompatíveis em relação aos demais sujeitos. A efetivação da comunidade surda resultou a esses indivíduos notoriedade e valorização.

Pollak estabelece uma relação entre identidade e memória, para ele, a construção da identidade depende da reconstituição do passado que passa pelo



processo da memória, dessa forma, as “histórias de vida [...] devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade, e não apenas como relatos factuais” (POLLAK, 1989, p. 13).

Ainda para Pollak, a memória coletiva possibilita a interação entre as memórias dos sujeitos, compondo as características culturais de uma determinada comunidade, assim, a memória atua como agente formador da identidade social e cultural de um povo.

Em seus estudos, Perlin (1998), ressalta que sujeito surdo possui características únicas, a partir dessas singularidades é que o mesmo insere-se na comunidade surda, de maneira a buscar pela representação como indivíduo pertencente a essa comunidade, tendo a Língua de Sinais como língua natural, o que dá origem à formação da identidade surda.

Perlin destaca que dentro da comunidade surda não há identidades iguais, ou seja, há “identidades plurais, múltiplas; que se transformam, que não são fixas, imóveis estáticas ou permanentes, que podem até mesmo ser contraditórias” (PERLIN, 1998, p. 52).

Com base em experiências sociais, Perlin afirma que a identidade surda possui múltiplas categorias, compondo uma comunidade surda heterogênea e diversificada. Para Macêdo e Borges, as categorias da identidade surda citadas por Perlin, são definidas como:

1) identidade surda: aquela que cria um espaço cultural visual dentro de um espaço cultural diverso, ou seja, recria a cultura visual, de maneira a reivindicar à história a alteridade surda; **2) identidades surdas híbridas:** aquela que os surdos que nasceram ouvintes, com o tempo, tornaram-se surdos; **3) identidades surdas de transição:** aquela formada por surdos que viveram sob o domínio da cultura ouvinte e, posteriormente, passaram para a comunidade surda; **4) identidade surda incompleta:** aquela que os surdos negam a identidade surda pelo fato de viver sob o domínio da cultura ouvinte; **5) identidades surdas flutuantes:** formadas por surdos que reconhecem ou não a sua subjetividade, porém desprezam a cultura surda e não têm o compromisso com a comunidade (MACÊDO; BORGES, 2011, p. 17, grifos nossos).

A aquisição da Libras como meio de comunicação entre os surdos de Telêmaco Borba, é considerado por Marily, como um marco importante, no sentido de que, tornou-se possível aos mesmos, vivenciar plenamente a



identidade surda, dentro de uma comunidade em que a Libras é uma forma de resistência em relação às práticas ouvintistas³.

Para Érico, os surdos do município, viviam submersos na cultura ouvinte, sem o contato com a cultura surda. Essa relação descrita por Érico é chamada por Perlin (1998), como identidade surda flutuante, ou seja, os surdos não possuem o contato com a comunidade surda, vivem sob a identidade dominante, seguem valores dos ouvintes.

São muitos casos e muitas histórias de surdos profissionalizados que vivem as identidades flutuantes, pois não conseguiram estar a serviço da comunidade ouvinte por falta de comunicação e nem a serviço da comunidade surda por falta da língua de sinais. É o sujeito surdo construindo sua identidade com fragmentos das múltiplas identidades de nosso tempo, não centradas, fragmentadas (PERLIN, 1998, p. 22).

Essa realidade começou a ser modificada após diversas reuniões entre ouvintes e surdos sinalizantes do município, que tinham como finalidade construir uma comunidade que pudesse proporcionar a dignidade aos sujeitos surdos e promover a igualdade social.

Nesse sentido, o sujeito surdo torna-se ser histórico político e social, protagonista de movimentos indispensáveis no fortalecimento da comunidade surda como um local de vivências culturais e identitárias.

3. O INÍCIO DE UMA COMUNIDADE SURDA EM TELÊMACO BORBA

Devido à carência de documentos oficiais que delimitem o surgimento da comunidade surda na cidade, foram realizadas entrevistas com as duas pessoas responsáveis pelo início desse projeto no município. Os entrevistados são surdos e usuários da Libras. Por esse motivo, cederam seus depoimentos ao intérprete de Libras, um dos autores da pesquisa, que é proficiente em Libras e interpretou a entrevista.

³ Conjunto de representações físicas e subjetivas, em que o surdo é obrigado a agir como ouvinte. As representações físicas ocorrem por meio da submissão dos surdos às práticas de oralização e utilização de próteses auditivas. As representações subjetivas acontecem através da imposição dos costumes dos ouvintes, ou seja, ao ouvintismo.



Érico nasceu em Telêmaco Borba, no dia 17 de fevereiro de 1979, tem 39 anos de idade, estudou na Escola Estadual Bela Vista, é técnico em Mecânica pelo Senai de Telêmaco e trabalha no setor da afiação na Braslumber Indústria de Molduras há 13 anos.

Marily também nasceu em Telêmaco Borba, no dia 26 de junho de 1978, tem 40 anos de idade, estudou na Escola Estadual Bela Vista, cursou o Normal Superior em Curitiba. Em Telêmaco Borba trabalhou como professora de surdos na Escola Paroquial Perpétuo Socorro. Lecionou na instituição por 11 anos, com transferência da educação de surdos para a Rede Estadual de Ensino, ela também migrou para o Estado, desde então, faz sete anos que Marily trabalha como professora temporária na Sala de Recursos Multifuncional - Surdez no Colégio Estadual Wolff Klabin. Em 2013, concluiu o curso de Pedagogia na modalidade à distância pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), é pós-graduada em Educação Especial, também possui especialização em Libras.

Érico e Marily se conheceram no início dos anos 1990, na escola onde ambos estudaram, nesse período iniciaram um namoro que durou por cinco anos e, em 1995, ficaram noivos. Para que o sonho do casamento se efetivasse de fato, Érico migrou para os Estados Unidos para trabalhar como pizzaiolo. Após quatro anos morando exterior, Érico retornou ao Brasil. Com o dinheiro que poupou nesse período, comprou uma casa confortável e em 2003, o casal realizou o sonho do matrimônio. A repercussão do casamento foi tão intensa, que recebeu até uma nota no jornal municipal da época.

No período em que Érico permaneceu nos Estados Unidos, Marily continuou trabalhando como professora e participando da comunidade surda, em 2000, Érico retornou para Telêmaco Borba, em 2002, e começou a trabalhar na empresa Braslumber, onde se encontra até os dias atuais. Em 2003 nasceu o único filho do casal, Gabriel Henrique, que mesmo tendo os pais surdos, nasceu ouvinte. Marily relata que o casal ensinou Libras para o filho desde a tenra idade e, atualmente, Gabriel auxilia seus pais na interpretação da Língua de Sinais, em situações diversas.

De acordo com os entrevistados, no início do projeto da criação da comunidade surda no município, os surdos começaram suas reuniões nas residências dos participantes da comunidade. Segundo os relatos de Marily,



essas reuniões ocorriam uma vez por semana, às sextas-feiras, no período da noite. À medida que o tempo foi passando o número de surdos que adentraram a comunidade surda aumentou significativamente.

A comunidade surda teve início com oito sujeitos sinalizantes, porém, os surdos, de cidades vizinhas tomaram conhecimento sobre o grupo através de amigos, então de maneira paulatina, foram adentrando a comunidade novos sujeitos, chegando a totalizar 25 surdos. De acordo com Marily, a Praça Castelo Branco tornou-se por quase um ano o ponto de encontro de surdos e intérpretes, pois as residências dos participantes não comportavam tantas pessoas para as reuniões, a saída foi realizar os encontros na praça, e, com a mudança de local, as reuniões desses sujeitos foram transferidas para as tardes de sábado. O grupo começou a participar das missas com frequência, despertando o interesse de colaboradores e padres da paróquia em auxiliá-los na continuidade dos encontros, e dessa forma, deu-se o início à Pastoral dos Surdos⁴ em Telêmaco Borba.

Os indivíduos com surdez que participavam da comunidade surda e pertenciam a outras denominações religiosas, concebiam a Pastoral do Surdo como um elemento de inclusão social, pois os trabalhos realizados pela Pastoral não se restringiam ao cunho religioso, os ministrantes que realizavam as palestras eram cientes que a comunidade era composta de pessoas pertencentes a outras denominações, então se delimitavam as explicações das passagens bíblicas sem fazer apologia à determinada religião.

A finalidade da Pastoral dos Surdos para a comunidade surda, segundo os relatos de Érico, era promover a convivência de sujeitos sinalizantes num espaço de socialização, tendo como elemento principal a liberdade de expressão por meio da Língua de Sinais e principalmente enfrentar os desafios para promover os surdos no contexto social.

⁴ Em termos nacionais, a Pastoral dos Surdos teve seu início em 1946, pelo padre (ouvinte) norte-americano Eugênio Oates, que percorreu o Brasil evangelizando os surdos. Seu principal colaborador, Vicente Penido Burnier, tornou-se o primeiro padre surdo brasileiro, e o segundo na história da Igreja Católica (PASTORAL DOS SURDOS, 2006). Atualmente um dos principais representantes da Pastoral dos Surdos é o padre Wilson Czaia (surdo), presbítero da Arquidiocese de Curitiba/PR e pároco da Paróquia Nossa Senhora da Ternura, em Curitiba. Padre Wilson percorre o Brasil visitando Pastorais de Surdos e celebrando missas em Libras.



Porém, antes da Pastoral, os representantes da comunidade surda conseguiram, além da Praça Castelo Branco, outro espaço público para realizar suas reuniões, o representante da Secretaria de Esportes e Lazer da cidade emprestou o Ginásio de Esportes Heitor Furtado para alguns encontros e festividades promovidas pela comunidade surda.

Érico rememora que no Ginásio foram realizados campeonatos de futsal entre os usuários da Libras, para ele a participação dos surdos em campeonatos, permitiram a comunicação e divulgação de informações que foram essenciais para a formação da identidade desses sujeitos como surdos.

Os entrevistados relatam que os locais em que os sinalizantes realizaram seus encontros foram fundamentais para promover a conversação, tornando comunidade surda uma referência de articulação política, cultural e de lazer, levando os surdos a conquistarem direitos de praticar a cidadania, além da valorização da Língua de Sinais.

4. PASTORAL DOS SURDOS: NOVO ESPAÇO PARA COMUNIDADE SURDA EM TELÊMACO BORBA

Com a chegada de novos surdos, residentes em cidades próximas como Imbaú, Curiúva e Tibagi na comunidade surda de Telêmaco Borba, os espaços públicos como a Praça Castelo Branco e o Ginásio de Esportes Heitor Furtado, tornaram-se inapropriados para os encontros, devido à grande adesão de pessoas nesses encontros.

Os primeiros integrantes da comunidade surda eram naturais do município, em uma das reuniões ocorridas no Ginásio de Esportes, foi convidada a Irmã Conceição Nogueira dos Santos (na época era colaboradora paroquial e atualmente realiza trabalhos pastorais no Peru), o intuito desse convite era solicitar seu auxílio para a aquisição de um local apropriado para os surdos realizarem seus encontros. De acordo com os relatos de Marily, a Irmã Conceição, começou a participar da comunidade surda, aprendeu a Língua de Sinais, tornando-se intérprete de Libras e auxiliando os surdos em suas conquistas.



Com seu auxílio e do pároco da época, padre Donald Roth, criou-se a Pastoral dos Surdos em Telêmaco Borba, considerado por Érico um marco significativo da luta do movimento surdo na cidade, pois possibilitou aos surdos um ambiente propício e seguro para realizar suas reuniões e fortalecer a cultura representada pela Libras, tornando essa comunidade viva e atuante, pois a Libras proporciona o sentimento de pertencimento a um grupo, segundo Perlin “um surdo que vive dentro de sua comunidade possui outras narrativas para contar a sua diferença e constituir sua identidade” (1998, p. 8).

O encontro inaugural da Pastoral dos Surdos na Paróquia Nossa Senhora de Fátima aconteceu no dia 21 de abril de 2001. Desse momento em diante, a Pastoral dos Surdos começou a participar de encontros diocesanos anuais da Pastoral dos Surdos Regional Sul II, que ocorrem na Paróquia São José, em Ponta Grossa, Paraná, além de algumas romarias para Aparecida do Norte, em São Paulo.

Com o apoio de ouvintes sinalizantes, os surdos passaram a ter maior notoriedade, conseguindo bons empregos em Curitiba, Paraná. Marily lembra que muitos surdos foram para Curitiba em busca de trabalho em empresas automobilísticas, em áreas de montagem e produção. Paulatinamente o número de participantes na Pastoral do Surdo foi se reduzindo.

No processo de rememoração de Marily, que é transmitido em forma de narrativa, constata-se que a Pastoral dos Surdos proporcionou aos sujeitos surdos certa visibilidade no mercado de trabalho, possibilitando-os, postos em diversas áreas, como no comércio, nas indústrias madeireiras da cidade e fora do município.

Érico narra que no início dos anos 2000, havia na cidade uma comunidade surda atuante, que lutava pelos direitos dos surdos, a Pastoral em seu coletivo, tornou-se um meio de fortalecimento, possibilitando galgar novas conquistas e igualdade social.

Marily relata que observou certo enfraquecimento da comunidade surda, pois muitos participantes partiram em busca de uma vida melhor em Curitiba. Segundo seu depoimento, em 2015, a comunidade surda estava composta de apenas três participantes, um ouvinte e dois surdos. Mesmo com número reduzido, Marily afirma que durante aquele ano as reuniões continuaram a ocorrer



como de costume, porém os projetos elaborados para aquele ano não obtiveram êxito devido ao pequeno número de participantes.

No fim de 2015, Marily e Érico realizaram um balanço das lutas, das conquistas e dos desafios que passaram no decorrer daquele ano, chegando à conclusão que os avanços foram poucos, as mudanças favorecendo os surdos foram quase que imperceptíveis.

Com relação ao recrudescimento das ações da comunidade surda, as recordações de Marily e Érico são denominadas por Candau de “memória propriamente dita”, pois para o antropólogo, esses tipos de recordações buscam o “reconhecimento; evocação deliberada ou inovação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos, etc.)” (CANDAU, 2014, p. 23).

Portanto, as vivências coletivas proporcionadas pela comunidade surda, de acordo com Candau, originam-se na memória do indivíduo, a partir dessas lembranças, manifesta-se, também o sentimento de continuidade temporal, pois segundo Marily, atualmente com a crise econômica no Brasil, alguns surdos que eram participantes da comunidade surda, foram dispensados de seus empregos em Curitiba e estão retornando para Telêmaco Borba.

O regresso desses surdos faz com que Marily e Érico, reavivam o sonho e o desejo de retornar com os encontros da comunidade surda, que estão cessados de 2016 a 2018, os entrevistados acreditam que o retorno da comunidade surda trará novamente o fortalecendo da cultura e a identidade do povo surdo telemacoborbense.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs apresentar a constituição de uma comunidade surda no município de Telêmaco Borba, a partir de relatos individuais e informações cedidas pelos entrevistados. Para isso, foi necessário recorrer às lembranças, que possibilitam organizar as recordações e experiências vivenciadas de modo individual ou coletivamente.

Assimilando o conceito de memória foi possível, a partir da pesquisa realizada, compreender o surdo em sua totalidade, ou seja, na construção de sua



identidade, cultura e sociabilidade por meio da participação e vivência na comunidade surda. Observou-se, também, a comunidade surda como um espaço de lutas e conquistas, em que os surdos através suas diferenças galgaram seus espaços no meio social, ocupando vagas no mercado de trabalho, uma educação de qualidade, além do respeito a sua identidade cultural.

Espalhados nos mais variados espaços: residências, praças, igrejas, pastorais, entre outros, os surdos telemacoborbenses tornaram-se protagonistas da própria história, participando da vida social, vivenciando sua cultura e constituindo sua identidade na relação com seu semelhante, dessa forma, construindo suas memórias, resultando no respeito dos ouvintes pela comunidade surda.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Brasília, DF: DOU, 2002.

CANDAU, J. **Memória e identidade.** Trad. Maria Leticia Ferreira. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru, EDUSC, 2012.

MACÊDO, G. C.; BORGES, C. L. C. A In(Ex)clusão dos Surdos na Educação do Campo: Sensibilizando Professores e Compartilhando Saberes. **Revista Graduando**, Feira de Santana, v. 2, n. 3, p. 11-25, jul./dez. 2011.

MAZZOTTA, M. J. da S.; D'ANTINO, M. E. F.. Inclusão Social de Pessoas com Deficiências e Necessidades Especiais: cultura, educação e lazer. **Saúde & Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 377-389, 2011.

PASTORAL DOS SURDOS. **Pastoral dos Surdos rompe desafios e abraça os sinais do Reino na Igreja do Brasil.** São Paulo: Paulinas, 2006.

PERLIN, G. T. T.; STROBEL, Karin. **Fundamentos da Educação dos Surdos.** Florianópolis: UFSC, 2008.

PERLIN, G. T. T. **Histórias de vida surda: identidades em questão.** Porto Alegre: UFRGS/ FAGED, 1998.

PERLIN, G. T. T. **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade.** 2003. 156 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.



POLLAK, M. Memórias, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RODRIGUES, M.; PRATKA, N. M.; SANTOS, F. L. A educação dos surdos de Telêmaco Borba na Escola Paroquial Perpétuo Socorro (1987-2012) e no Colégio Estadual Wolff Klabin (2013-2015): uma análise comparativa. **Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas**, v. 25, p. 61-72, 2017.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

DOCUMENTOS OFICIAIS

Ata da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, com a data como oficial de inauguração da Pastoral dos Surdos de Telêmaco Borba. 2002.

ENTREVISTAS

Érico Aparecido Ferreira, 39 anos, concedida ao pesquisador e intérprete de Libras, Marcelo Rodrigues em 10/02/2018.

Marily Aparecida Ferreira, 40 anos, concedida ao pesquisador e intérprete de Libras, Marcelo Rodrigues em 20/01/2018.